

Oferta limitada de remédios

O Sistema Único de Saúde contempla apenas uma medicação para a hipertensão arterial pulmonar (HAP), que é a sildenafil. Mesmo com registro na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), outras drogas indicadas para a doença só são disponibilizadas por meio de decisão judicial. São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal e Pernambuco regulamentaram protocolos próprios de atendimento e oferecem a bosentana sem a necessidade de os pacientes recorrerem à Justiça.

Considerada droga de primeira linha no tratamento contra a HAP pela Organização Mundial da Saúde, a bosentana, única medicação

para pacientes pediátricos e portadores de HAP decorrente de úlceras digitais e esclerose sistêmica, começou a ser vendida na forma genérica no Brasil, em março deste ano, pelo laboratório suíço Actelion, reduzindo o preço do medicamento em cerca de 80%, de acordo com Roberto Dodel, presidente da empresa no país. "Há médicos nos EUA que tratam pacientes com HAP há 28 anos, vamos chegar a isso no Brasil quando tivermos mais acesso a medicamentos e deixarmos os transplantes de pulmão para situações mais viáveis", avalia Dodel.

De acordo com José Eduardo Afonso Júnior, professor do

Programa de Transplante Pulmonar da Universidade de São Paulo, 3,3% das indicações para o procedimento no mundo são devido à HAP. Em média, 25% dos pacientes morrem antes da operação. Os que são submetidos ao transplante geralmente já estão bem comprometidos. "Temos que priorizar os pulmões para pessoas com maiores chances de sobrevivência. Paciente para transplante é aquele que chega caminhando ao centro cirúrgico", avalia.

A busca por alternativas efetivas para o tratamento da HAP envolve associações de portadores da doença de todo o mundo. As entidades criaram um documento

com novos parâmetros para o enfrentamento da doença e o entregaram aos seus governos. O Ministério da Saúde o recebeu na semana passada da Associação Brasileira de Amigos e Familiares de Portadores de Hipertensão Arterial Pulmonar (Abraf). "Nossa grande bandeira é o aumento da oferta de medicamentos. É uma doença muito complexa, à qual cada paciente reage de uma maneira. Precisamos de mais do que duas alternativas", diz Paula Menezes, vice-presidente da entidade. Estima-se que, após um ano de tratamento, 30% dos pacientes já necessitem da combinação de remédios contra a HAP. (CS)